

Comitê discute sobre atentado a Antônio Macedo

O atentado sofrido na semana passada, pelo coordenador do Conselho Nacional dos Seringueiros no Vale do Juruá, Antônio Macedo, na Vila Thaumaturgo foi o assunto da reunião na manhã de ontem dos integrantes do Comitê Chico Mendes, que agrega diversas entidades – e do Conselho Nacional dos Seringueiros. Como resultado do encontro, as entidades definiram uma pauta de reivindicação para o Estado a apuração dos envolvidos no atentado e cobrança do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – Ibama e demarcação imediata da Reserva Extrativista do Juruá, com a expropriação da área. A reunião foi realizada na sede do CNS.

O presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros, Júlio Barbosa, disse que o Estado não resolve o problema apenas colocando seguranças para proteger a vida do indigenista. "Quem tentou atirar

no Macedo está solto. O que queremos é tentar acabar com os conflitos de terra e a violência. Cabe à Secretaria punir essas pessoas", disse ele, ressaltando que os conflitos de terra agora mudaram de localização. "Os conflitos têm aumentado muito, mesmo com toda a repercussão do caso Chico Mendes, sobretudo pela política de preço da borracha e agora essa violência está localizada em Cruzeiro do Sul e se providências não forem tomadas, temos a certeza de que o Macedo será o próximo a perder a vida nessa batalha", sentenciou.

O atentado à vida do indigenista feita por um filho de um madeireiro da região, Francisco William, conhecido por "He-Man" foi a sexta tentativa de morte sofrida em nove anos. Antônio Macedo e uma equipe trabalhavam no cadastramento dos moradores da Reserva do Alto Juruá, onde se prevê a execução de um Projeto que beneficiará os

Luiz dos Santos



Júlio Barbosa: pauta de reivindicação

moradores, sobretudo os seringueiros com a implantação de vinte escolas e dez postos de saúde. O fato do sindicalista ainda estar vivo é um mistério para Júlio Barbosa. "Não sabemos como o revólver não disparou, já que estava com o tambor cheio", disse ele, admitindo que a morte de mais um líder na capital pode representar maior atraso

ao Estado. "A gente já sofreu muito, principalmente com a morte do líder Chico Mendes. A economia do Estado está indefinida. Não se faz nada na pecuária, extrativismo ou agricultura", acrescentou. O jornalista Antônio Alves, o Toinho Alves também foi agredido fisicamente pela mesma pessoa que tentou contra a vida do indigenista.